

EM CLIMA DE MUDANÇA, AGUSTÍN PÉREZ RUBIO ASSUME A DIREÇÃO DO MALBA

O CURADOR ESPANHOL PRETENDE REORGANIZAR OS DISCURSOS NA COLEÇÃO
E TRABALHAR MAIS PRÓXIMO DO QUE É A AMÉRICA LATINA HOJE

POR FABIO CYPRIANO

O NOVO DIRETOR do Malba – Museu de Arte Latino-Americana, em Buenos Aires, o espanhol Agustín Pérez Rubio, 41, é um dos curadores europeus mais próximos da América Latina. Ao contrário de muitos que passaram a olhar para o Brasil, especialmente quando este país se tornou a bola da vez, Rubio frequenta o continente desde os anos 1990, como conta na entrevista a seguir, feita por e-mail, em junho passado, logo após ter inaugurado *Tudo Aquilo que Não Está em Imagens*, individual de Rosângela Rennó que ele organizou no Centro Atlântico de Arte Contemporânea, nas Ilhas Canárias. Recentemente, Rubio foi considerado para assumir tanto a curadoria da Bienal de São Paulo como a da Bienal do Mercosul, mas foi Eduardo Costantini, o colecionador e criador do Malba, que já tomou do País o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, que conquistou Rubio e o leva a Buenos Aires.

Por dez anos, entre 2003 e 2013, o espanhol de Valência foi curador e diretor do Museu de Arte Contemporânea de Castilla y León, na Espanha, um pequeno museu com programação arrojada e

que expôs de forma privilegiada a arte latino-americana. A partir de 1º de agosto, Rubio estará definitivamente na Argentina, após um breve período como curador independente, quando organizou diversas mostras, entre elas a que abriu as comemorações dos 40 anos da Galeria Luisa Strina no ano passado, e *Memórias Inapagáveis*, sobre o acervo da Videobrasil, que será aberta em agosto, no SESC Pompeia, em São Paulo.

O curador participará como palestrante do III Seminário Internacional **ARTE!Brasileiros**, que será realizado em setembro, na ocasião da abertura da 31ª Bienal de São Paulo, e incluirá uma profunda reflexão sobre a arte contemporânea latino-americana.

Entre seus planos à frente do museu está trabalhar de forma transversal em todas suas áreas (cinema, literatura, educação e artes plásticas), rever a arte dos anos 1960 e 1970 e cuidar da extensão de sua sede.

ARTE!Brasileiros – Ao longo de dez anos à frente do MUSAC, você criou muitos vínculos com a América Latina e parece natural sua indicação ao Malba. O que o levou a olhar para a América Latina com tanto empenho nos últimos anos?



O JOVEM CURADOR AGUSTÍN PÉREZ RUBIO, UMA PROMESSA DE MUDANÇA NO MALBA

AGUSTÍN PÉREZ RUBIO - Provavelmente, meu vínculo por conta do MUSAC foi muito mais visível entre 2003 e 2013, mas desde os anos 1990 realizo projetos, exposições, conferências e seminários na Argentina, Peru, Colômbia, México e Honduras. Naquela época, com cerca de 25 anos, eu viajava muito vendo ateliês de artistas, conhecendo o meio, apresentando ciclos de vídeos ou pequenas mostras, realizando muitos workshops e conferências sobre arte contemporânea. Nesse sentido, meu vínculo sempre existiu e, talvez, um reflexo maior disso se constate na coleção do MUSAC e em sua programação, especialmente no aniversário de 5 anos, quando organizamos o projeto *Modelos para Armar...*, centrando tanto a exposição como toda a programação do museu por seis meses, na América Latina, e seus distintos contextos.

Como se deu o contato com Eduardo Costantini?

Recebi um e-mail da Fundação Malba, contando que buscavam alguém para o lugar de Marcelo Pacheco, até então curador-chefe do museu, e que eu tinha sido indicado. Queriam me entrevistar, como estavam fazendo com outros. Apesar de conhecer bem de perto o Malba, pelas várias vezes em que lá estive, e ter conversado tanto com Agustín Arteaga, seu primeiro diretor, quanto com Marcelo Pacheco, eu não conhecia pessoalmente o Costantini.

Certamente, você apresentou algumas condições para o cargo. Poderia contar as essenciais?

Para mim, era importante que o Malba saísse reforçado nesse momento de mudança. Assim, minhas condições e as do comitê de seleção foram que o eleito desse uma visão mais transversal do museu, já que não será responsável só pelas exposições e a coleção, mas que olhasse com cuidado para todos os departamentos artísticos do museu. Também é importante a profissionalização do museu, com apoio ao diretor de um Comitê Científico Artístico, que será criado para ajudar os conteúdos e critérios do museu em todos seus âmbitos, além da criação do cargo de um diretor executivo, encarregado do financeiro e do patrocínio para que, juntos, levemos o museu a um novo patamar.

Quais serão suas prioridades no Malba?

Trabalhar com todos os departamentos transversalmente, reorganizar os discursos na coleção e trabalhar mais próximo da reformulação de onde se narra e o que é hoje a América Latina. Finalmente,



FACHADA DO MUSEU DE ARTE LATINO AMERICANA DE BUENOS AIRES QUE RECEBE ANUALMENTE MILHARES DE VISITANTES

dar ao museu uma relação entre esse contexto e o contexto internacional, onde essas leituras e relações sejam de ida e volta.

Na coletiva de seu anúncio, Costantini abordou a ideia da ampliação do museu. Uma de suas funções será organizar a criação de um outro edifício para a coleção?

Esse é um projeto de longo prazo, sobre o qual também quero focar, já que os arquitetos que vão projetá-lo necessitam de um programa para isso e precisamos ter muito claras as necessidades do museu, não só agora, mas em 20 ou 30 anos. Quando da criação do MUSAC, estive muito perto de Mansilla y Tuñón, e a arquitetura é uma área que me apaixonou e com a qual gosto de trabalhar de perto.

Em agosto próximo, você abre a exposição sobre o acervo da Videobrasil, em São Paulo, agendada muito antes do seu anúncio no Malba. Poderá organizar outras exposições ou ficará exclusivamente na Argentina?

A partir de agosto, vou sair de Toronto, onde residi nos últimos meses, e viver em Buenos Aires, pois não creio que um diretor possa organizar, dirigir e cuidar

de um projeto à distância. Mas tenho vários projetos já acertados desde antes de minha escolha e que vou honrar, como a mostra da Videobrasil; a individual de Carlos Garaicoa, em Madri; de Christopher Knowles para a Fonoteca Nacional de México; Sophie Calle para o Centre La Virreina, em Barcelona; e *Noites Brancas*, em Toronto, essas duas últimas em 2015. Eu estarei concentrado em meu trabalho no Malba, pois essa é minha tarefa como diretor, mas isso não me impede de realizar projetos internacionais, quando isso não interromper o trabalho no museu, já que essa será minha prioridade nesses primeiros anos.

Quais artistas brasileiros gostaria de levar ao museu no início de sua gestão?

Minha relação com o Brasil e seu contexto artístico vem de longe, já que, desde as vanguardas, essa é uma das culturas com grande conteúdo e contribuição para as artes plásticas. É preciso ainda levar em conta que o museu possui um trabalho icônico em sua coleção, o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, além de outros grandes artistas. De todo o modo, penso que, de início, falta uma revisão dos anos 1960 e 1970, já que não é um período que o museu tenha tocado em especial, não só no Brasil, mas em todos os contextos, incluindo o local. Assim, importantes figuras que têm o início de sua produção nesse período merecem estar na programação, só não posso ainda adiantar nomes.

Museus são instituições um tanto lentas e, por vezes, arcaicas frente a toda tecnologia disponível. É preciso dinamizar os museus? Como?

Certamente! Em primeiro lugar de dentro, na maneira de fazer e comunicar. É muito importante que o público se sinta participante, que as pessoas acreditem que se está falando com elas e que elas se sintam ouvidas. Por isso, é importante que o museu seja com um órgão que cresce, mude de forma, se regenere e consiga viver mais tempo. Creio que um museu que observa a contemporaneidade de seu público é o museu do futuro.